

FRANÇA, Danilo. *Aprendizagem ao prazer: uma análise do espetáculo teatral Prazer*, da Cia. Luna Lunera, em relação com a literatura de Clarice Lispector. Belo Horizonte: CEFET-MG. CEFET-MG; Mestrado; Olga Valeska Soares Coelho. Ator e teatro-educador.

## RESUMO

Este artigo refere-se às reflexões iniciais de minha pesquisa de mestrado (em andamento), que possui como objetivo investigar relações entre duas obras artísticas: o uso de textos não dramáticos na criação de um texto dramatúrgico. Investigam-se, por conseguinte, as particularidades e relações entre as obras de Clarice Lispector – sobretudo o romance *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* – e o espetáculo teatral *Prazer*, da Cia. Luna Lunera de Belo Horizonte (MG). Este trabalho tem como pretensão contribuir para um aprofundamento dos estudos sobre o conceito de tradução intersemiótica entre a literatura e o teatro. Julio Plaza define o ato de traduzir criativamente como uma ampliação dos possíveis sentidos de uma obra original, e/ou colocar em foco um sentido especificamente. Deste modo, uma tradução não tem como objetivo completar o original, mas sim reverberá-lo, ou seja, criar com ele uma ressonância de sentidos. É nesse sentido que se pretende realizar a análise das relações intersemióticas entre Clarice Lispector e *Prazer*.

**PALAVRAS-CHAVE:** teatro; literatura; tradução intersemiótica; Cia. Luna Lunera; Clarice Lispector.

## ABSTRACT

This paper refers to the initial reflections of my Master thesis (in progress), which has as theme the intersemiotic translation between two artistic works: the use of non-dramatic texts in creating a dramaturgical text. In this work are investigated the particularities and relations between the literature of Clarice Lispector – especially the novel *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* – and the theatrical spectacle *Prazer* (Cia. Luna Lunera, a theater company from Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil). This paper aims to contribute to a deepening of the studies on the concept of intersemiotic translation between literature and theater. Julio Plaza defines the act of translating creatively as an extension of the possible senses of an original work, and/or put into focus a sense specifically. Thus, a translation is not meant to complete the original, but it reverberates, creating with it a resonance of meaning. That is why intend here to analyze intersemiotic relationships between Clarice Lispector and *Prazer*.

**KEYWORDS:** theater; literature; intersemiotic translation; Cia. Luna Lunera; Clarice Lispector.

### **Lua de aura encantadora**

Luna (lua, em português) em associação com lunera refere-se a uma expressão hispânica que pode ser traduzida poeticamente como “lua de aura encantadora” (CIA. LUNA LUNERA, 2014, sp). Esta expressão pode sugerir, dentre diversas outras possibilidades, uma qualidade de transformação que a lua possui como

potencialidade simbólica, além de ser *encantador* conseguir sempre se metamorfosear, assim como a Cia. Luna Lunera particularmente consegue. *Fuleirices em Fuleiró* é a primeira montagem que um grupo de estudantes – que no ano seguinte se constituiria oficialmente como Cia. Luna Lunera – desenvolveu no ano de 2000 para o Curso de Teatro no Centro de Formação Artística do Palácio das Artes (CEFAR), em Belo Horizonte (MG). O espetáculo teve direção de Marcos Vogel e texto de Mario Brasini, com particularidades de teatro de rua, haja vista o estudo desenvolvido a partir de bufonaria e de tradições populares. Já *Prazer*, a sexta montagem da companhia, possui características diferentes: não há tão somente um diretor, mas cinco codiretores que compartilham de suas distintas experiências em prol de um espetáculo de cunho principalmente existencialista. É evidente a constante transformação que a Cia. Luna Lunera busca em/com sua arte no decorrer dos treze anos de existência. E o fato de ser um nome estrangeiro pode ser relacionado à constante busca dos artistas pelo novo, o desconhecido.

No ano de 2007, após quatro montagens cênicas, os integrantes da companhia – conhecidos como *lunos* – propuseram estudar os conceitos de contato improvisação segundo Steve Paxton em relação com as ações vocais segundo Constantin Stanislavski. Alguns textos foram utilizados durante suas experimentações, contudo foi o conto *Aqueles dois* de Caio Fernando Abreu que mais chamou a atenção dos lunos. Com exercícios de direção e dramaturgia compartilhadas, por meio do processo colaborativo<sup>1</sup> com improvisações e imersões nesta obra de Abreu, traduziu-se então para o teatro o conto *Aqueles dois*, sob título homônimo.

### ***Prazer: uma aprendizagem***

Com o êxito de *Aqueles dois*, os lunos decidiram em 2011 montar um novo espetáculo com base no mesmo processo criativo do anterior: de direção e dramaturgia compartilhadas, quando cada ator-codiretor desenvolve seu próprio projeto de direção com os demais atores-codiretores, realizado por meio de processo colaborativo. Para a criação artística do espetáculo, a Cia. Luna Lunera contou com a colaboração de importantes artistas convidados, a fim de influenciarem os lunos com suas singulares técnicas, estéticas e instigações, tais como: o dramaturgo Jô Bilac, que contribuiu como orientador dramaturgic; o videoartista Éder Santos, colaborando para o diálogo entre as artes digitais e o espetáculo; a atriz Roberta Carreri do grupo Odin Teatret (da Dinamarca, fundado por Eugenio Barba), que desenvolveu um intensivo treinamento de atores; e o coreógrafo Mário Nascimento, colaborando no quesito desenvolvimento corporal do elenco (CIA. LUNA LUNERA, 2014).

Embora *Prazer* seja inspirado no universo literário de Clarice Lispector, os lunos elucidam que não se procurou adaptar diretamente uma ou mais obras literárias clariceanas. Entretanto estas foram utilizadas como fonte de signos para um novo produto artístico – também para uma nova linguagem, a teatral –, conforme se pode notar no texto da Cia. Luna Lunera sobre o espetáculo:

Partimos então para a leitura desta [*Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*] e de outras obras de Clarice, sem a pretensão de adaptar um de seus textos ou de construir uma encenação que traduzisse seu universo simbólico, mas possibilitando que cada um dos criadores oferecesse como material cênico inicial as reflexões, afetos e movimentos internos

gerados por estas leituras. Sua obra norteou o processo como fonte de inspiração e alimento poético (CIA. LUNA LUNERA, 2014, sp).

Este artigo busca investigar, portanto, o processo de *tradução* que utilizou a escritura de Clarice como *fonte de inspiração e alimento poético* para a criação de um novo produto artístico. Logo, pretende-se realizar uma análise das relações entre os textos literários clariceanos e o texto dramático da Cia. Luna Lunera, de acordo com, sobretudo, a teoria da tradução intersemiótica.

### **Tradução intersemiótica**

Segundo Julio Plaza (1987), a tradução intersemiótica refere-se ao pensamento em signos<sup>ii</sup>, um constante movimento de sentidos. Conforme se entende que o pensamento existe por meio dos signos, então este já se encontra dentro da cadeia semiótica, sendo, portanto, qualquer pensamento uma tradução. Plaza (1987) ainda define o ato de traduzir criativamente como uma ampliação dos possíveis sentidos de uma obra original, e/ou colocar em foco um sentido especificamente. “Traduzir é [...] repensar a configuração de escolhas do original, transmutando-o numa outra configuração seletiva e sintética” (PLAZA, 1987, p. 40). Deste modo, uma tradução não tem como objetivo completar o original, mas sim reverberá-lo, ou seja, criar com ele uma ressonância de sentidos.

O ato de traduzir envolve, de acordo com Thaís Diniz (1994), bem mais que a *incorporação* de um texto anterior por um texto adaptado, mas sim um texto que é referido por outro, mantendo assim uma relação (representação) entre si. É este o objeto de estudo da tradução intersemiótica. Entende-se que por meio da linguagem se produz sentidos, mas não somente, pois também se pode significar por meio de diversos outros atos, tais como movimentação, gestos, expressões artísticas, entre diversas outras atividades semióticas com “seu próprio sistema de sentido. Não são ‘como linguagens’ em seu meio de expressão, mas procedimentos que permitem especificar seus processos e práticas semióticas distintivas” (DINIZ, 1994, p. 1001). Portanto, o teatro e a literatura decerto podem ser considerados como atividades de linguagens, haja vista que ambas existem para significar algo.

Nesse sentido, vale também considerar o conceito de tradução criativa desenvolvido pelo crítico e poeta Haroldo de Campos (2010), que defende a ideia de que toda tradução refere-se a uma *recriação*, que possui uma autonomia apesar de ser recíproca à obra original. A tradução criativa, para Campos (2010), refere-se a uma *criação paralela*, pois não se é traduzido tão somente o significado, mas *traduz-se o próprio signo*. Por isso, quanto mais dificuldades encontra-se para a recriação, mais aberto criativamente se encontra tal processo.

Entende-se que a tradução entre *Uma aprendizagem*, de Clarice Lispector, e o espetáculo *Prazer* não acontece na íntegra, mas por meio da *essência* clariceana constantemente presente no espetáculo, em consonância e ressonância com a *essência* própria da Cia. Luna Lunera. O romance entre Lóri e Ulisses dá lugar ao reencontro de quatro amigos: Camilo, Isadora, Marcos e Ozório. O nome Ulisses continua no espetáculo, mas como um cachorro – em forma de arte digital –, o qual

seu dono, Marcos, tenta lhe ensinar uma língua inventada. Isto se revela decerto uma transposição do cachorro de Ângela, Ulisses, presente em *Um sopro de vida*.

Esta tradução de *essências* entre as obras artísticas ainda pode ser observada na cena “sou vigorosa” de *Prazer*. Nesta, Marcos busca confortar Isadora, devido às constantes incertezas e conflitos que a personagem está passando. Marcos pede para que Isadora pense em algo bom, ao qual ela responde ser o mar. Ele segura então a sua palma da mão com a dela, e num movimento enérgico para cima e para baixo, repetem diversas vezes em voz alta, como se fosse um mantra: “sou vigorosa!” Isabela Paes revela, em entrevista a esta pesquisa, que esta cena foi criada a partir da prece de *Uma aprendizagem*. A atriz considerava, durante o processo criativo, a prece de Lóri como um material digno de ser citado na íntegra durante o espetáculo, mas que não aconteceu. Entretanto a cena em que Marcos pede o máximo de Isadora num momento difícil pode ser entendida, de acordo com Isabela Paes, como uma tradução de quando Ulisses pede o mesmo de Lóri. Este pedido de Ulisses faz com que Lóri se sinta instigada a buscar – por meio de um deus, ou de seu mais profundo eu – uma *alegria modesta e diária*, a fim de lhe resguardar de toda dor da angústia.

Ao fazer a prece, Lóri entende que há um caminho certo a ser percorrido, se agir da melhor forma possível, ou seja, dar o seu máximo para si mesma. E ainda compreende que quando estivesse pronta, poderia dar o máximo de si aos outros também. Mas para isso, Lóri precisaria primeiramente tocar em si mesma, tocar no mundo. Dialogando este significante da prece de Lóri com o “sou vigorosa” de *Prazer*, pode-se perceber que ambas as obras artísticas estão em busca de um caminho. E que é necessário percorrê-lo a fim de entender por que o sofrimento é necessário, de entender como é possível viver “apesar de”. Estão em busca deste caminho com o propósito de compreender a si mesmos e ao mundo.

### **Considerações finais**

Entende-se, portanto, as relações entre *Uma aprendizagem* de Clarice Lispector e *Prazer* da Cia. Luna Lunera enquanto tradução do próprio signo clariceano, em constante intercâmbio com os signos teatrais próprios da companhia teatral. *Prazer* trata-se de uma obra artística autônoma, mas que possui uma intensa reciprocidade com o universo literário de Clarice Lispector, por este ter servido como *fonte de inspiração e alimento poético* aos atores-criadores. Refere-se a um espetáculo em que há uma evidente ressonância de múltiplos sentidos, em que a essência clariceana foi levada apropriadamente para o palco.

Ainda, vale esclarecer que não faz parte como um dos objetivos desta pesquisa exaurir todas as possibilidades de estudo sobre relações entre Clarice Lispector e *Prazer*. Pretende-se aqui realizar *uma* análise do espetáculo, em meio a várias outras possíveis. Esta pesquisa procura contribuir, portanto, como um registro histórico de um espetáculo pertencente ao fazer teatral contemporâneo de Minas Gerais, no que tange tanto ao produto quanto ao seu processo criativo, que por sua vez se relacionam ao universo clariceano.

### **Referências bibliográficas**

ABREU, Luís Alberto; NICOLETE, Adélia. Processo colaborativo. In: GUINSBURG, J.; FARIA, João Roberto; LIMA, Mariângela Alves de. *Dicionário do teatro brasileiro: temas, formas e conceitos*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CAMPOS, Haroldo de. Da tradução como criação e como crítica. In: \_\_\_\_\_. *Metalinguagem e outras metas*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

CIA. LUNA LUNERA. *Luna Lunera – Companhia de Teatro*. Disponível em: <<http://cialunalunera.com.br/>>.

DINIZ, Thais Flores Nogueira. A tradução intersemiótica e o conceito de equivalência. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada - ABRALIC*, São Paulo, v. 2, p. 1001-1004, maio 1994.

LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PLAZA, Julio. *Tradução intersemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

SANTAELLA, Lucia. *Semiótica aplicada*. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

<sup>i</sup> O processo colaborativo se refere a diversos tipos diferentes de processos de criação teatral da contemporaneidade, quando todos os artistas de uma companhia teatral se integram para uma montagem cênica sem hierarquização, de acordo com um tema pré-estabelecido. Desse modo, não há um texto dramático a ser utilizado inicialmente na construção do espetáculo, pois este é desenvolvido de acordo com que os artistas cênicos pesquisam e criam na sala de ensaio, juntamente à criação das cenas. (ABREU; NICOLETE, 2009).

<sup>ii</sup> Em suma, o signo refere-se a qualquer coisa ou espécie que representa uma outra coisa (objeto do signo), que por sua vez produz um efeito interpretativo (interpretante do signo) em uma mente. O objeto do signo é, deste modo, qualquer coisa que seja representada pelo signo. Tal representação do objeto possui um efeito interpretativo, funcionando então o signo como um mediador entre o objeto e o interpretante. Já a semiótica é a ciência dos signos, da significação e da cultura. Entre as diversas correntes de estudos dos signos, uma muito conhecida é a teoria semiótica desenvolvida pelo matemático norte-americano Charles Sanders Peirce (SANTAELLA, 2010).